

Suplemento Cultural

N.º 3

revista paulista de medicina

Celestino Bourroul mestre da ciência e da bondade - 1880-1958

Dr. Duílio Crispim Farina

De abril de 1826 a abril de 1829 o audaz explorador Dumont d'Urville, com a corveta real L'Astrolabe, na mui famosa viagem de circunavegação e descoberta nos mares do Sul, teve como companheiro Etienne Bourroul, filho de Nice.

Nice, a Niké (Vitória) fundada 350 anos antes da era cristã, por uma colônia de foceanos de Marselha e soberba cidade de Massena e Garibaldi, engastada no Mediterrâneo, o antigo Mare Nostrum. Nice, jóia d'uma costa de atrações irresistíveis que se estende de Cannes e do Golfo Jouan, desde Antibes até São Remo, passando por Villefranche, Mônaco, Menton, Vintimille, a Riviera das Flores, em prolongamentos pela Liguria.

Etienne Bourroul veio, o primeiro da família, para o Brasil em 1836, mais ou menos. Após ele o seu irmão Celestino. Em terceiro lugar o mais moço, Camilo. Todos conterrâneos do grande Hercules Florence, de quem foram bons amigos, e que aqui em São Paulo se consorciou com Maria Angélica, distinta moça, filha única de Francisco Alvares Machado e Vasconcelos, reputado como dos mais hábeis cirurgiões do tempo, ótimo oculista, hábil nas intervenções de catarata. Alvares Machado tivera como progenitor o cirurgião-mór Joaquim Teobaldo Vasconcelos, laureado na "Aula de Cirurgia", primeiro curso de Arte Médica em Piratininga, a cargo do mestre-físico Mariano José do Amaral, e desenvolvido no Páteo do Colégio, em 1803, sob os auspícios do capitão-general Fonseca e Horta.

Etienne regressou para a França em 1840 e lá ficou. Fundara com capitais próprios uma loja de fazendas e modas na Rua do Rosário, mais tarde da Imperatriz (hoje 15 de Novembro), nesta capital, sucedido em sua direção pelo mano Celestino. De sua viagem de circunavegação deixou uma relação, escrita em francês, (e que foi de posse de Estevão Leão Bourroul), intitulada "Mémoire du voyage de découverte dans les mers océaniques et autres, fait par la corvette du Roy L'Astrolabe, Commandée par le capitaine de frégate Dumont Durville".

A loja de Celestino Bourroul em 1873 era o centro das sumidades literárias e políticas, lentes, deputados, cônegos, figuras de escol do burgo provinciano, a sair de suas feições coloniais, com os incrementos da evolução da Academia de Direito das Arcadas Franciscanas.

Martim Francisco aí encontrou Hercules Florence, em tertúlias empáticas, nesse verdadeiro salão intelectual, ao lado de Estevão Bourroul, Gavião Peixoto, Aguiar de Andrada e Paulo do Valle.

Spencer Vampré referiu-se aos pioneiros do comércio francês e "introdutores do bom gosto na cidade, Estevão e Celestino Bourroul".

Nesses recuados dias, também ponto de encontro de divagações literárias ou políticas, era o prédio do antigo Colégio Berthé, a abrigar os abonos do boticário Lúcio Manoel Felix dos Santos Campello, homem de ilustração pouco vulgar, colaborador e um dos fundadores do Farol Paulistano, em 1827, e amigo íntimo de Líbero Badaró cujos derradeiros momentos presenciou, narrando-os a Estevão Leão Bourroul.

A casa de Lúcio, próxima ao largo da Memória, no Piques, confrontava com o paredão e os pés de cicutina encostados à Pirâmide, levantada pelo Mestre Vicentinho.

Apontavam-na como émula da do coronel Rafael Tobias, na Rua Alegre; da Marquesa de Santos na atual Rua do Carmo; da do cadete Santos, já então o homem mais rico de São Paulo (e logo mais Barão de Itapetininga), e só lhe reconheciam inferioridade, quando comparada à Chácara do Arouche, hoje a abrigar a Misericórdia Paulistana.

Nos dias primeiros aqui de Etienne, Camilo e Celestino a capital da então província teria população de quatorze mil almas, quando muito. Exíguo o elemento estrangeiro, português quase todo. Abundavam-lhe os negros e os mestiços. Os largos de São Bento, Carmo e Ladeira era o fim da cidade e o começo dos arrabaldes; nestes, raras vezes, duas casas avizinhavam-se por completo. Fora da cidade, só a Consolação caminho dos viajantes que demandavam Itú e Campinas, revelava alguns traços de vida própria. Junto à ponte de Lorena, nome do Governador que a mandara reconstruir por subscrição popular em fins do século dezoito, nome que foi trocado pelo de Piques, morador que reza a legenda, foi rico, faustoso e esmoler, ocupava a proeminência comercial o alemão Loskel sério e ativo, cujas filhas eram notadas geralmente, uma pela gagueira, outra pela beleza. Burgo pacato e modorrento, notável tão somente pela alacridade e peças da mocidade acadêmica vin-

da de todos os quadrantes da pátria. As famílias iam a pé ao teatro. Carruagens apenas duas: a da marquesa de Santos e a do bispo, puchadas por parelhas de burros. Guiavam-nas cocheiros escravos, com chapéus altos, paletós quase sempre verdes com botões amarelos. Esse o São Paulo em 1841!

Estevão Leão Bourroul freqüentou o Liceu Imperial de Nice (1865-72), onde fez jus ao bacharelato em Letras, estudou na Academia de Aix, e graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1881, na Faculdade de Direito de São Paulo.

Nascido em Nice em 18 de maio de 1856, naturalizou-se em 1888 como cidadão brasileiro e bacharelou-se no mesmo dia em que foi eleito deputado provincial pelo 9.º distrito de São Paulo, aos 28 de novembro de 1881.

Fundou, ainda, nos bancos acadêmicos o "Círculo dos Estudantes Católicos", redigiu vários periódicos entre os quais o "Onze de Agosto" e "A Reação".

Enumerou significativos títulos: advogado privativo do Foro Eclesiástico (1882); deputado Provincial; Juiz Municipal e de Orfãos do Termo da Franca do Imperador até 1885; banca de advocacia em Franca em 1886 até iniciar-se na secretaria do Governo da Província na qual se conservou durante as gestões do Conde de Parnaíba, Elias Chaves, Dutra Rodrigues, Rodrigues Alves, Pedro Vicente e Barão de Jaguará; 2.º Tabelião da Capital (1889-1894); advogado em Mococa e Sul de Minas, a partir de 1895, permanecendo em trabalhos atuantes até 1898 quando sofreu tentativa de assassinio "em seguida e por força de incandescentes questões".

Redigiu por algum tempo o Correio Paulistano e colaborou em outras folhas periódicas da Capital e do Interior do Estado e Excelsa Glória, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo com Domingos Jaguaribe, Antonio Toledo Piza e Cesário Mota.

Ensaísta e historiador deixou vários títulos: Frei Caetano de Messina, estudo histórico-religioso, 1879 — São Paulo, Tip. de Jorge Seckler, Rua Direita, 15.

Hercules Florence (1804-1879), ensaio histórico-literário, 1900, São Paulo, Tip. Andrade, Mello & Comp. Rua do Carmo, 7.

O Doutor Ricardo Gumbleton Daunt (1818-1893), ensaio biográfico, São Paulo, Tip. a vapor Espíndola, Siqueira & Com., 1900.

Francisco Morato em elegia e recordação, em 1.º de novembro de 1914, evocou-o em sessão de saudades no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em tintas preciosas, num necrológico de fundas emoções, quando lembrou também outras grandes figuras desaparecidas no ano inicial da primeira grande guerra: Vicente Toledo de Ouro Preto, Augusto Barjona, Barão de Jaceguai, José Luis de Almeida Nogueira e Sílvia Romero.

Exaltou-o como "Historiador consciencioso, biógrafo incansável, político instruído, conhecedor perfeito de nossa história parlamentar e quiçá melhor ainda da história parlamentar francesa". Enfatizou sua vocação para o jornalismo. "Foi na imprensa que se revelou verdadeiramente superior".

Julio Ribeiro em "Cartas Sertanejas" chamou-lhe "Veuillot Brasileiro" e "monumento de dialética política e polêmica assombrosa".

Estevão Bourroul sublimou-se, nas colunas dos jornais, destemeroso, panfletário e em especial na "A Justiça de Franca".

Monarquista e católico, tornou-se de "dedicação infinita com o Trono e com o Altar".



Finado em 28 de agosto de 1914, desapareceu, mas sua figura ficou repontado, como o disse Morato: "a morte comove-nos um momento, mas a comoção passa azinha e o morto, quando lembrado, só o é pela figura que representou no grande drama do Universo".

As páginas eruditas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, filho de seu sonho e emulações, encerram trabalhos significativos, contribuições positivas para elucidar e aclarar os temas propostos. Assim registram-se "Episódios sobre a Anselmada", "José Bonifácio, o velho", "Oeynhausen", "O Padre Feijó", a "A Tipografia e a Litografia no Brasil". Biografia exemplar, retratando o porte e as dimensões do Conde de Parnaíba, mais tarde, foi publicada em livro.

Com José Maria Bourroul, outro rebento da prole destacada, pressentiu-se com incícios auspiciosos em 1880, inscrição nos Cursos Jurídicos, de São Francisco, o descortinar de vitoriosa carreira na magistratura.

Vieira Bueno, ou seja, o Dr. Francisco de Assis Vieira Bueno, em interessante memória histórica "A Cidade de São Paulo", publicada em 1903, na Revista do Centro de Ciência, Letras e Artes, de Campinas (reeditada pela Academia Paulista de Letras em 1976), publicou curiosas notas sobre a iluminação pública da capital de São Paulo.

O primeiro ensaio de iluminação, durante dezenas de anos era deficientíssimo, uma enorme geringonça de ferro, pregada na parede de uma esquina estendia por cima da rua um longo braço, em cuja extremidade estava dependurado um lampião. Colocado de longe em longe nas ruas principais, a luz desse lampião alimentado com azeite de peixe, difundia uma claridade mortiça, que só alumiaava um pequeno espaço, projetando longas sombras movediças, quando o vento baloiçava os lampeões.

Antonio Egídio Martins, o esplêndido manancial das crônicas de "São Paulo Antigo", descreve as noites trevas em que miríades de sapos povoavam o Anhangabau e do outro lado o Tamanduati, e os charcos de suas várzeas, e as gentes que, nas noites de calor, estacionadas nas pontes do Lorena, Acú e do Carmo, ouviam sua tristonha e variegada orquestra não sem encanto para quem é propenso à melancolia.

Em 1844, o Marechal Manoel da Fonseca Lima e Silva, comandante das armas e presidente da Província, assina termo de contrato com Bernardo Justino da Silva, para efeitos de administrar o serviço da iluminação paulistana.

Em 1847, o mesmo presidente da Província fez, com o comerciante Afonso Milliet, novo contrato, por espaço de cinco anos para iluminar o ainda pequeno burgo de estudantes, com 160 lampiões, de gás hidrogênio líquido.

Em 1851, o arrematante do contrato será o engenheiro H. Bastide, e em 14 de maio de 1852 ele vai se encarregar de iluminar a Casa de Correção, inaugurada, na presidência de José Tomás Nabuco de Araújo, aos 7 do mesmo mês de maio de 52. Em julho de 54 a arrematação foi realizada por Hermann Gunther, mas logo depois a seu pedido, o presidente José Antonio Saraiva, anuindo, mandou abrir novo concurso cuja proposta vitoriosa de Antonio Salustiano de Castro responsabilizou-se pela iluminação até 1861.

Pela lei provincial n.º 16, de 3 de agosto de 1861, art. 38, o Governo ficou autorizado a contratar com Camilo Bourroul o serviço de iluminação pública da cidade, de conformidade com as propostas apresentadas por aquele cidadão francês à Assembléia Provincial, ou com quem melhores condições oferecesse.

Camilo Bourroul apresentava-se na petição como "químico-farmacêutico aprovado pela Escola especial de "Turim", e senhor do novo sistema tendo por base o azeite resinoso fotogênico capaz de acionar os 203 lampiões da cidade e os 6 do palácio e corredores da Tesouraria. Nela propunha-se a elevar o seu número a 240 e as lâmpadas internas a 246, e isso tudo por 6 ou 10 anos, à escolha da Comissão, constituída pelos Drs.: João Jacinto de Mendonça (presidente da Província), Fidencio Nepomuceno Prates e Francisco Honorato de Moura (os dois últimos médicos).

O Dr. Carlos Rath, também componente da Comissão de Exame das propostas, entendeu que, nas experiências com a luz de Camilo Bourroul, munida de tubo e reverbero, patenteou-se intensidade notavelmente superior à dos então empresários Irmãos Sebastião Felix de Castro e Antonio Salustiano de Castro. Entretanto, em nova observação "deixando-se ambas as luzes para de novo serem observadas, chegou-se ao conhecimento de que no fim de poucas horas, a luz do Senhor Camilo Bourroul enfraquece-se a tal ponto que parece quase extinta, permanecendo a do Senhor Castro na mesma intensidade inicial. Postulava a Comissão acolhendo a ponderação do Dr. Rath, pela continuidade dos serviços dos dois Castros...

Ao nascer na Paulicéia, a 13 de novembro de 1880, o futuro Professor da Casa de Arnaldo, Mestre Celestino Bourroul, sua grei já estava profundamente enraizada na vida de Piratininga, em páginas destacadas de seus fatos marcantes. Em Itú, estudou Humanidades no Colégio São Luis. Concluindo o curso preparatório vai ingressar em 1899 na Escola de Medicina da Bahia. Lá ouve aulas dos mestres da Cidade de Salvador, no edifício do antigo Colégio dos Jesuítas, no terreiro de Jesus, sede do Hospital Militar, no tempo dos vice-reis.

Naqueles dias a febre amarela devastava a população do Rio de Janeiro, ceifando inúmeras vidas de estudantes paulistas que, alarmados, procuravam outros centros de estudos, e, assim, a exemplo de outros, Celestino Bourroul seguiu para a Capital Bahiana onde inicia seu curso médico. Zeferino do Amaral, saudoso e completo cirurgião, vai encontrá-lo em meados de 1903 ao lado dos paulistas Ovidio Pires de Campos, Sebastião de Toledo Barros, Edmundo de Carvalho, Antonio Netto, Clodomiro Vieira de Souza, Alceu Peixoto Gomide, Bento Pereira da Silva, Astolfo Margarido da Silva, Randolpho Margarido da Silva (mais tarde pediatra da elite paulistana), Enjolas Vampré (mestre da neurologia), Abilio Martins de Castro, João Floriano Gomes, Cristiano de Souza, e outros que mais tarde se tornaram expressões altíssimas da medicina nacional. Ainda na turma de Celestino acrescentem-se Manoel

de Toledo e Silva, Paulo Collet e Silva, Candido Camargo Serra, Bento Pereira da Silva Jr., José Tepaldi e Oscar José Alves.

Referindo-se a Ovidio Pires de Campos, dirá Celestino Bourroul: "passaram-se os anos, quando em começo deste século, depois dos estudos de Humanidades, rumávamos para a Bahia, a fim de iniciarmos os nossos cursos de Medicina, tendo sempre morado na mesma república. Jogamos futebol juntos; e ainda guardamos fotografias que nos lembram o quadro de jogadores paulistas que na Cidade de Salvador defenderam as cores de São Paulo. Ao depois, Ovidio foi terminar o seu curso na Faculdade do Rio, tendo-se aí formado em 1905".

Bourroul laureou-se em 1904, defendendo tese sobre "Mosquitos no Brasil", em 1905 conferiu-lhe a congregação um prêmio de viagem à Europa, onde seguiu as lições do Professor Granet e os trabalhos do Instituto Montpellier, então dirigido pelo bacteriologista Rolart. Deste foi preparador no Curso de Microbiologia.

Em 1913, Arnaldo Vieira de Carvalho estruturou a Faculdade de Medicina e Cirurgia. Edmundo Xavier no auditório da Escola Politécnica profere a aula inaugural dos cursos médicos de São Paulo, aos 2 de abril desse ano, ato batismal de nossa escola médico-cirúrgica. Celestino Bourroul logo mais dá começo ao curso de História Natural Médica, na Escola Alvares Penteado, agasalhos da novel Faculdade em seus primórdios. O sábio Emile Brumpt, da Faculdade de Medicina de Paris, em tempo curto, aqui passado, delinea as diretrizes básicas do curso de Parasitologia, mas a irrupção da Primeira Conflagração Mundial determina o seu prematuro regresso para a França, inquieto em servir sua pátria. Bourroul recebe e engrandece a disciplina por mais de um decênio e vai assumir em próximo porvir, 1928, a cátedra de Moléstias Tropicais e Infectuosas. Vão sucedê-lo em regências de grande cultura e erudição médica os ínlitos João Alves Meira, Ricardo Veronesi e Vicente Amato Neto em desdobramentos da disciplina inicial.

De 1913 até 13 de novembro de 1950, quando se aposentou, seu magistério foi um apostolado e ele um "santo leigo". O traço marcante de seu curso era o controle rigoroso do conhecimento dos alunos. Exigente no ensino, levava consigo o famoso e temido caderno de anotações, de trabalhos e freqüências, com o nome e a fotografia de cada aluno, o temido e famoso "caderninho e seus retratinhos". Contam-se a seu respeito episódios interessantes que se misturam às tradições mais caras da Casa de Arnaldo, diluindo-se e misturando-se a quase lendários relatos orais.

No início das aulas solicitava o Prof. Celestino um "retratinho" de cada aluno para figurar no celeberrimo "caderninho", uma página para cada estudante. Anotações completas de seu curriculum anual, Bourroul fazia a chamada pessoalmente, confrontando a fisionomia de quem acusava "presente" com a efigie do retrato, apenso em cada folha. Era o seu breviário, almanaque dos quinto-anistas.

Celestino tinha um tino celeste ... E foi sempre a expressão da bondade personificada.

Um dia, a inquirir, em prova final, um aluno que se caracterizava pelo despreparo e parcos conhecimentos da matéria, este já inquieto pelo pouco sucesso e má impressão com que se vinha conduzindo, dirigiu-se ao mestre:

— "Prof. Celestino, estou dependendo de apenas sua nota de aprovação para me formar. Já passei em todas as demais cadeiras; só falta mesmo a aprovação na sua. Além do mais, tenho a tristeza de dizer, que minha progenitora, aliás, muito idosa e cardíaca, já chegou do Interior, lá da boca do sertão, só para assistir à minha formatura. Não



IV

seí como vai ser! não posso decepcioná-la! apelo ao seu extremoso coração.

O mestre Celestino Bourroul, calmamente, redarguiu:

— “Está bem, meu filho, mas eu preciso que você me traga, “afinal de contas, um retrato bem grande, muito grande mesmo”.

O aluno, menos temeroso, mais à vontade, respirou e perguntou:

— “Mas, para que, Professor, um retrato tão grande?”

Foi quando o mestre Bourroul, sempre na sua cadência calma, com leve ironia, respondeu:

— “É para colocá-lo à minha cabeceira, no meu criado-mudo. Quando eu estiver morrendo, à beira da morte, quando meu fim estiver chegando e eu não tiver mais forças, eu chamarei meus filhos e direi: “procurem um médico, qualquer médico, menos esse que está aí, nesse retrato bem grande. Qualquer um serve, menos esse...”

Rezam as tradições que o aluno foi aprovado...

— De outra feita..., bem, houve época em que se afixava uma relação dos pontos da matéria que seriam sorteados, na realização da prova escrita. O aluno de matrícula número 1 era por tradição chamado a sortear o ponto e muitas vezes levava na mão um número um, previamente escolhido pela turma, para ser o ponto do exame. Era “a mão de ouro”, nome do estratagema. Mas Celestino o conhecia muito bem. Não o enganavam e mal o aluno

balbuciou: — “tirei o ponto número um”, ele calmamente desenrola sua lista e diz: “foi sorteado o ponto número um que na minha lista corresponde ao número 15”. Os alunos que só tinham estudado o primeiro ponto ficaram logrados. “Quem vai buscar lá, sai tosquiado”, diz o velho brocardo.

Casos e casos poderiam ser narrados. Um interessante passou-se com estudante da turma de 1945. Ao ser inquirido na enfermaria para ler sua observação clínica, trabalho obrigatório que era dado a todos alunos, o moço estudante pouco freqüentador das aulas, não a tinha e assim, viu-se em situação aflitiva e difícil.

Celestino inquiriu-o: — “qual é o seu assistente?” O aluno não conhecia e muito menos sabia quem era o seu orientador! Transfuga das aulas de moléstias infecciosas, olhou para os colegas circunstantes como a pedir socorro. E este veio milagrosamente. Um colega sussurrou-lhe! “Gicovate”. O assistente era o Dr. Febus Gicovate. O aluno contudo, jamais vira o assistente e muito meno souvera o seu nome. Imaginando ter ouvido “Chico Vate”, não teve dúvidas: “é o Dr. Francisco Vate”. O próprio Dr. Celestino Bourroul acompanhou os risos gerais.

Mas a tudo sobrepujava sua compreensão e bondade e o aluno foi aprovado, contra a tradição...

Doutra feita, delegou a um aluno a incumbência de, durante uma semana Santa, efetuar as evoluções de um paciente, caso grave de hepatite... Mas, mal se afastou do

mestre, o quintanista partiu para o litoral no desejo de se refazer ao sol restaurador. Ao voltar a São Paulo, logo cedo na enfermaria, segunda-feira da pascoela, encontrou o Prof. Celestino que logo lhe foi perguntando:

— Como vai seu doentinho?

O estudante, confiando em sua boa estrela redarguiu imediatamente: — Vai muito bem... O Dr. Celestino Bourroul, calmo, em mordaz ironia completou:

— Sim, vai muito bem com São Pedro e seus anjos da guarda. O doente falecera no dia seguinte da incumbência...

Para outro famoso estudante, todas as manhãs o mestre dava bom dia, saudando-o:

— Como vai o Dr. Herodes? O aluno perguntou-lhe, por que Herodes? Ora, disse-lhe o mestre, o sr. não é candidato à pediatria e todos seus doentinhos não acabam morrendo? Claro, o futuro esculápio era um novo Herodes, perseguidor de crianças como o seu émulo na época de Cristo.

O Coronel Francisco de Assis Lorena, Governador da praça de Santos, por decreto de 4 de novembro de 1824, e falecido aos 40 anos em 1835, teve entre outras posses, grande chácara situada à Rua da Tabatinguera, a qual depois passou a pertencer a Da. Ana Maria de Almeida Lorena Machado. Nos fundos dessa antiga chácara existia a tradicional fonte de Santa Luzia, cuja água foi, no tempo do Governo do Capitão General Bernardo José de Lorena (1791), examinada por Sanches D’Orta. Essa mesma chácara, transformada nas ruas do Conselheiro Furtado, Conde de Sarzedas, Bonita e de Santa Luzia, confinava com os terrenos da antiga Chácara dos Ingleses, situada no largo da Glória, mais tarde largo de São Paulo, e que foi pela mesa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia local, arrematada, em praça, do espólio do inglês Coronel João Radmaker, em 11 de dezembro de 1824, pela quantia de 500\$000, para nela funcionar o hospital da Irmandade e a roda dos enjeitados, com inaugurações em 2 de julho de 1825.

Esse hospital passou a funcionar no novo edifício mandado construir pela irmandade, na Rua da Glória, esquina da rua dos Estudantes (inaugurado a 2 de julho de 1832) na provedoria do Marechal de Campo Dr. José Arouche de Toledo Rendon, primeiro diretor da Academia de Direito de São Paulo. Na Tabatinguera nasceu o Asilo de Alienados, célula inicial da obra dos Rudge, Homem de Melo e Francisco Franco da Rocha, o apóstolo dos insanos de Piratininga. Pois estas obras de assistência vieram santificar os chãos das datas de terra consagradas à assistência ao desvalido. Celestino Bourroul, apóstolo do Bem viveu a inteira vida no casarão familiar do largo São Paulo tornando-o solo sagrado da benemerência paulistana.

Dele, em positivo escoreço, disse o sempre lembrado Antonio de Almeida Prado: Celestino Bourroul, coração generoso, imantado pelo fervor religioso, passou pela vida praticando a caridade obscura indiferente ao dinheiro, à vaidade e às honrarias, a tudo enfim, quanto inflama a ambição humana. Luiz V. Décourt escreveu que amou generosamente a medicina e o enfermo: “nele a caridade foi mais que uma resposta ao apelo do sofrimento; foi iniciativa, norma de conduta, padrão de trabalho, na verdade a única forma de atividade que podia compreender.”

Recordando suas atividades, como chefe e orientador, na 6.ª Medicina de Homens da Santa Casa de São Paulo, por longos anos a abrigar as suas dedicações exemplares, Carlos da Silva Lacaz enalteceu o homem de grandes virtudes, católico fervoroso que cedo compreendeu que todo o conhecimento completo pressupõe amor. Na enfermaria que durante longos anos dirigiu, os estudantes e médicos aprenderam o respeito à dignidade humana, apuraram sua

piedade face ao sofrimento e conheceram que não deve haver limites para a paciência do médico.

Nas festas comemorativas do seu jubileu profissional, em 1938, Almeida Prado, em nome da sociedade, dos médicos e de seus pares, soube tratá-lo com seu “manto de inconsútil espiritualidade e de quase fluídica imaterialidade”, mais preso às coisas do céu do que as da terra e que na significação implícita do nome, Celestino, se inscrevia a profecia de um destino. A bondade seria a sua força, para ela viveria, por ela venceria e graças a ela abriria, à sua passagem, uma estrada de flores entre o egoísmo e a dureza dos homens.

Da ética integral, emanada de consciência impoluta e desassombrosa, vinha o destemor e a severidade de alguns atos, tão em desconcerto aparente com a natural brandura, como eclosões de coragem interior. Pleno de bondade ativa e construtiva, feita de abnegação, renúncia e de obscuros heroísmos, bondade que não se resigna a tudo, que não condescende de tudo, que não perdoa tudo, e que tem a implacabilidade e o sentido moralizador da justiça.

Homem de caráter e ânimo decidido, expressão legítima de uma “vocaçã carismática para a prática do bem”, em todos os seus gestos e exteriorizações se entremostravam as delicadezas de trato e finezas de atenção. Embebido de ciência gauleza, falava e escrevia com perfeição o francês. Eram-lhe familiares os pensadores de França. Mais de uma vez ouvimo-lo dissertar sobre os ensaios de Metchnikoff: “Études sur la Nature Humaine” e “Essais Optimistes”.

Mereciam sua leitura, livros como “Leçons sur le Phénomènes de La Vie Communs aux animaux et aux végétaux”, de Claude Bernard, a “Vie de Saint Dominique”, de Lacordaire. Profundo conhecedor da natureza humana, era assíduo dos doutores da Igreja, e reeditava por força de vocação irresistível, as lições de São Francisco e São Vicente de Paula, em solidariedades ao próximo e testemunhos de conduta.

Em plena guerra, convocado para a ativa do Exército, como oficial combatente, o autor destas linhas, de evocação e respeito, só pode se apresentar às aulas do Professor Celestino no meio do ano letivo, o curso em franco e adiantado andamento. Na hora de ser realizada a chamada, ao constatar seu retorno e presença, o mestre exprimiu o seu contentamento: “é por quem os sinos dobram, alegres, pela sua volta!”

Trinta e cinco anos decorridos, sempre presente mestre Celestino em nossa saudade, como que ouvimos sinos alegres... Desta vez, tocam e tocarão eternamente, alegres em homenagem àquele que em vida foi um Santo e um apóstolo, e que com sua presença trouxe um luminoso raio de sol, de bondade e amor, aquecendo para todo o sempre a Casa de Arnaldo.

Na velha Misericórdia, no Hospital do Isolamento e nas derradeiras e magistrais aulas no Hospital das Clínicas; no consultório, sacrosanta oficina de trabalho e no recesso dos lares de enfermos, a consolar as dores d’alma e a minorar o sofrimento do aflito e do chagado; nas enfermarias e na cátedra, ficaram ressendo em chãos paulistanos, nestas terras de São Paulo, as marcas inapagáveis de suas passadas, os ademanos de sua caridade e os olores de seu sacerdócio e santidade!

Veneremos pois, a memória daquele que foi a personificação do bem, da moral elevada e das virtudes que constituem o atributo dos puros e o apanágio dos justos. No centenário de seu nascimento, que se exaltem as decorrências de seu ministério samaritano!

Que vivam para sempre as lembranças da vida e obra do insigne e santo Celestino Bourroul!

José Fernandes Pontes na Academia Nacional de Medicina

Acabo de empossar-me na Cadeira n.º 7 desta respeitável Casa que, desde sua fundação, em 1829, tem sido fiel aos compromissos, assumidos com seus fundadores e fixados em seus estatutos, de colaborar por todos os meios com os poderes constituídos, em todas as ações que objetivem a promoção da saúde do povo brasileiro. Tarefa de enunciado curto e simples, e por igual complexa, porque interfere e exige interação responsável e harmônica entre os poderes cultural, político e econômico. Essa interação, tão necessária para alcançar-se o tão desejado bem-estar social, de que resulta, em última análise, a saúde do homem, tem sido porfiada pela Academia Nacional de Medicina em toda a sua longa história. Na cadeira n.º 7, temos um exemplo destas ações ao analisarmos a atuação do seu patrono, o Dr. José Pereira Rego, Barão de Lavradio.

Barão de Lavradio, foi o título com que o Imperador D. Pedro II distinguiu-o em 1874, título elevado às honras de grandeza pela princesa Isabel, em 1877. Pertenceu ao Conselho do Imperador, foi médico da Imperial Câmara, Comendador das Ordens de N. Senhor Jesus Cristo e Imperial da Rosa. Seus colaboradores do Instituto Vacínico, em reconhecimento às suas incontestáveis qualidades de homem de ciência, administrador eficiente e probo, de grande cronista médico, inauguraram seu busto no dia 18 de outubro de 1875.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1816. Doutorou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1838. Dois anos depois, em 1840, entra para a Academia Nacional de Medicina, sob a presidência de José de Paula Cândido, com memória sobre "Disenterias", apreciada pelo acadêmico José Bento da Roza. Acumulou, em certa época, os cargos de Presidente da Junta de Saúde e Diretor da Inspeção Sanitária dos Portos. Foi presidente por duas vezes da Academia Imperial de Medicina, em 1864 e em 1883 e a 9 de outubro de 1883, aclamado Presidente Perpétuo da Nossa Academia.

Apesar dos encargos e honrarias públicas e da capacidade de higienista, não descurou de estudar e das atividades profissionais. Pediatra de renome, teve atenção voltada para a criança. Clinicou na Santa Casa, ali na Rua Santa Luzia, minorando sofrimento da população pobre. Resumiu toda a terapêutica infantil de então, em um "Formulário de moléstias de crianças".

Após escrever "Relatórios das Repartições de Saúde Pública, apresentados ao Governo Imperial", cobrindo o período de 14 anos, entre 1866-1880, nos quais se cuidam variados problemas de saúde pública, como a epidemia de cólera-morbus de 1867 e 1868, as águas potáveis e os esgotos do Rio de Janeiro, todos de importância no estudo da história da medicina no Brasil, não foi poupado, não só pela inveja, eterna companheira dos homens de sucesso que ascendem além da mediocridade, como também, por outras razões que se verão, depois, foi exonerado, por aviso de 19-02-1881, da chefia dos cargos públicos que tanto ilustrou. Segundo Lourival Ribeiro, a propósito comentam Plácido Barbosa e Cássio Barbosa de Resende: "Substituto de Paula Cândido, esforçara-se como este para bem servir

à causa pública e, se do esforço e do patriotismo destes médicos notáveis, não auferiu a Pátria os benefícios de que hoje goza, a culpa certamente não lhes cabe. Lutadores de uma época em que a ciência médica mal saía daquela penumbra em que a envolviam teorias absurdas e concepções metafísicas, época em que não se conhecia bem a natureza da infecção e nada se sabia sobre o elemento do contágio; asoberbados por uma infinidade de questões que não podiam resolver, porque lhes faltava para isso a base necessária, e privados,* por outro lado, de todos os recursos materiais de que necessitavam para levar avante muitas das medidas que propuseram ao governo e que, executadas, teriam forçosamente melhorado as condições de salubridade do Rio de Janeiro, quase nada poderiam conseguir. Em todo caso, se não lhes coube a fortuna de exterminar a febre amarela, de extinguir a varíola e de evitar, entre nós, as incursões epidêmicas da cólera-morbo, de reduzir a mortalidade geral, enfim, de nos colocar nas condições em que hoje nos achamos, coube-lhes, em compensação a glória imorredoura de haverem restaurado, sob novas feições, a higiene pública no Brasil.

Comentários adicionais são desnecessários, como vêm, as coisas têm mudado muito pouco, se é que têm mudado, na interrelação dos poderes cultural, político e econômico!

A Cadeira n.º 7 foi sucessivamente ocupada por Augusto Cesar de Freitas (1900 a 1927), por Raymundo Américo de Souza Teixeira Mendes (1928 a 1931), por Murillo Campos (1931 a 1958) e por Otávio Barbosa do Couto e Silva de 3-9-1959 a 5-1-1979, data de seu falecimento.

Neves Manta, ao saudar Couto e Silva, na data de sua posse nesta Academia, demonstrou à sociedade o espírito multifásico que foi, experimentador e homem de laboratório, ao mesmo tempo teve a atenção voltada para a clínica, o ensino e a pesquisa. Nascido em Minas a 9-4-1901, logo após diplomado em 1922 em Medicina, começou a formação básica nos laboratórios de fisiologia dos irmãos Osório de Almeida. Já em 1926, por concurso, torna-se Docente Livre de Fisiologia da Faculdade Nacional de Medicina e em 1942, em concurso de títulos e provas, com o eminente Acadêmico Hamilton Nogueira, é classificado em igualdade de condições em 1.º lugar, continuou sempre



VI

* O grifo é nosso.

a lecionar Higiene. Preocupou-se com aspectos sociais da Medicina, higiene do trabalho e higiene mental.

Ao tomar conhecimento das folhas de serviços prestadas à Medicina, à Sociedade e à Academia pelos meus predecessores e pelo patrono da Cadeira 7, veio-me à lembrança a estória do indivíduo que foi convencido pelos companheiros que ele tinha qualidades de peão e montou no cavalo. E agora José! quê fazer para não cair do cavalo? E mais convencido teria ficado de que era mesmo peão se não tivesse escutado o Paulo de Góes. Paulo, você está falando sério ou está brincando, ao falar de mim tanta coisa? Olhe que eu acredito mesmo e todos vão dizer que eu fui ingênuo montando nesse cavalo!

Paulo de Góes agiganta-se em tudo o que fez e em que está fazendo. Pelo fruto se conhece a árvore! Comportase explosivamente, aparenta agressividade que esconde um homem bom, generoso, justo, amigo dos amigos como poucos o sabem ser, sobretudo dos discípulos, como costumava acontecer com os homens privilegiados pela inteligência e pela capacidade de trabalho que vão às paragens da genialidade. Formado, ainda muito jovem, em 1936, pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, percorreu rapidamente todos os escalões da carreira universitária nas escolas de farmácia e de medicina, dedicou-se progressivamente, a partir dos princípios universais, da patologia geral, progressivamente à microbiologia, e, finalmente à virologia. Nesta, apurando tecnologia, empreende estudos fundamentais, citando-se, entre outros, os "Estudos sobre a Mononucleose Infecciosa", tese para concurso de Docência Livre de Microbiologia à Faculdade Nacional de Medicina da UB, em 1942, onde previu a etiologia viral desta moléstia, confirmada alguns anos depois pelo casal Henle após a descoberta de Epstein-Barr. Em 1947, faz "Estudos sobre imunidade cruzada", Tese para concurso de Professor Catedrático de Microbiologia da Faculdade Nacional de Farmácia da UB. A partir de 1951, arrefecida a inquietude própria do jovem de talento, fixa-se mais na virologia com os "Estudos sobre os vírus Cox-sackie", mais uma tese, agora em concurso para Professor Catedrático de Microbiologia da Faculdade Nacional de Medicina da UB, valendo lembrar, entre outras pesquisas mundialmente originais, a descoberta da miocardite produzida pelo vírus Cox-sackie A, segundo reconhece Grist, no "I Recent Advances of Clinical Virology" (1977). Nos últimos anos, tem a atenção voltada para os arbovírus, com duas monografias sobre arboviroses, em 1964 e 1972. Esta, "Arboviroses no Brasil", foi a monografia apresentada à Academia Nacional de Medicina.

São muitas as facetas da compacta personalidade de Paulo de Góes. Não podemos deixar de assinalar o seu acendrado amor de construir criando e, assim, funda, em 1950, o Instituto de Microbiologia na Praia Vermelha. Jovem professor então — então e sempre, porque Paulo é dos homens que só aumentam os anos de vida, mas não envelhecem — e sempre transpirando entusiasmo, para consolidação da iniciativa, obtem recursos, em 1951, dos recém-criados CNPQ e CAPES. Outra iniciativa idealística de Paulo de Góes, que pode soar como loucura, num país onde as verbas para pesquisa ainda são mais do que curtas, desde logo procurou, quando possível, implantar o regime de tempo integral no Instituto de Microbiologia. Para dar exemplo, desde 1953, há quase 30 anos, portanto, abandonou suas atividades privadas, sem ter qualquer compensação monetária, está em tempo integral de dedicação exclusiva. Em países latinos um homem que procede assim ou é rico de raiz ou é mistura de alienado e idealista. Paulo não era e não é rico, tanto que foi aluno gratuito no Colégio Rezende. Entretanto, Paulo de Góes, ao longo de toda sua edificante vida, tem sido bilionário de moral, responsabilidade e cultura. Hoje, é respeitado e admirado

no meio universitário brasileiro e internacional. São em torno de 1.500 os pós-graduados pelo Instituto de Microbiologia, dos quais 1.300 são profissionais especialistas e de 200 a 300 dedicam-se ao ensino superior, em vários graus universitários. O prestígio, assim conquistado, levou-o a ser continuamente convocado para diversas atividades no campo médico, quer no Brasil, quer na cooperação internacional, na OMS e em outras categorizadas agências internacionais e a Fundação Rockefeller.

Ter sido saudado pela Academia Nacional de Medicina por Paulo de Góes, pelo que foi dito de sua pessoa, é uma honraria a mais para mim.

Aqui está um paulista nascido em Pinhal, pequena cidade na fralda da Mantiqueira, onde o tradicional deulhe desde o início uma imagem a seguir. Ouviu dizer desde criança que Pinhal era o berço do Cardeal Dom Sebastião Leme que ajudaria a quebrar o amor próprio do presidente Washington Luiz, na Revolução de 30, convencendo-o a deixar o Governo da República, ante a revolução que levou Vargas ao poder. Outros pinhalenses ilustres foram-lhe citados. Entre eles, desde cedo relacionou-se com o tio e padrinho Zequinha Fernandes, médico formado no Rio de Janeiro em 1912 e que exercia a Medicina como consultante dos colegas daquela região da média mogiana. Não tinha clientela própria, nem dos parentes e nem das comadres. Era chamado só em conferência com outros colegas de Pinhal e de extensa área que se estendia até Campinas e Sul de Minas. Conhecia bem as línguas alemã e francesa e fôra discípulo de Miguel Couto, cujo nome e figura sempre foram mencionados ao sobrinho com respeito e admiração, possuidor das virtudes hipocráticas do médico de família. Tanto assim, que Zequinha Fernandes não tinha consultório próprio. A semelhança dos médicos da era hipocrática da ilha de Cós, examinava os pacientes, com os colegas, somente a domicílio. Observava o doente no seu ambiente, na sua ecologia sócio-familiar. Ouvia o relato dos colegas, verificava os exames subsidiários realizados, tão numerosos como hoje, mas não tão multiformes, porque ainda não existiam os cateterismos, os gráficos eletrônicos, as "biópsias bioquímicas e imunológicas", as tomografias. Zequinha Fernandes prestava atenção a tudo isto, aos diagnósticos nosotóxicos e nosogênicos dos colegas, mas prestava, antes de tudo, durante tudo e depois de tudo, ao indivíduo, à pessoa, como diria mais tarde o nosso excepcional Perestrello; ao indivíduo e ao ambiente e mais, à herança, como já postulava Freud. Foi, então, médico de sucesso e respeitado, mais que seus colegas. Os colegas de Zequinha Fernandes, entretanto, praticavam a Medicina da doença, a Medicina dos médicos de Cnidos, que examinavam os pacientes de preferência no consultório ou no hospital, fora de seu ambiente, ouviam-lhe a "história da moléstia atual" e os outros itens conhecidos dos formulários da história clínica, que deveriam ser interrogados na seqüência de um inquérito. Conheciam os itens que inqueriam, mais por força da anamnese nosográfica, conheciam bem a doença, e Zequinha Fernandes conhecia tudo isso, mas, dentro do quadro mais amplo, o das minúcias da vida do paciente, como ser humano que vive, vale dizer, que ama e sofre e sofre porque ama e sofre e ama porque busca a tranqüilidade, a saúde. Prestava tanta atenção ao perfil bioquímico e aos cortes radiológicos das tomografias, quanto ao perfil psicológico do indivíduo e aos cortes representativos da biografia do paciente, nas diversas fases da vida.

O noviço de hoje, deste sesquicentenário Grêmio Médico, teve gravadas na sua formação de criança estas impressões do tio, médico e padrinho. Mais algumas. Através dele aprendeu a gostar da língua alemã e a admirar nele a figura excelsa de Miguel Couto, patrono e presidente

VII

perpétuo da nossa Academia. O nosso inquieto Mestre Edgard Magalhães Gomes, ex-Presidente desta Casa, afirmou em seu discurso de posse, em 1975, falando de si mesmo, como jovem médico e de seus sentimentos em relação a Miguel Couto: "Sentado na bancada dos ouvintes, comprazia-me na contemplação daquele homem envolvido numa atmosfera de tão serena dignidade". Devo confessar-lhes hoje, nesta hora de reminiscências que, ao ouvir meu tio falar de Miguel Couto como médico, como mestre, como homem, à semelhança de Magalhães Gomes, impregnou-se-me o espírito de seu exemplo, pretendendo — ó audácias desculpáveis da mocidade! — imitar-lhe o exemplo.

Jamais meus devaneios, entretanto, alçaram aos pináculos de uma noite como esta. A generosidade de ilustres e caros amigos, faz-me o protagonista desta reunião festiva que, se por um lado me enche de orgulho, me sobrecarrega também de pesadas responsabilidades.

Algumas reflexões, ainda do passado, para depois sentirmos o futuro, face ao presente, já que o presente de cada ser humano apoia-se no que sentiu e aprendeu com o passado e se deixa invadir pelas apreensões com o futuro, estas sempre permeadas pelas experiências do passado, diante da objetividade do presente.

Em relação ao passado distante, ainda ocorrem-me, na livre associação de idéias, as figuras paterna e materna. Da paterna, a austeridade de costumes do imigrante português e a desenfreada dedicação ao trabalho. Da austeridade de costumes às impressões mais vivas que ficaram dizem respeito à honestidade profissional incorruptível e a firmeza das convicções, a nortear o roteiro de busca aos ideais. José dos Reis Pontes dizia sempre: vão meus filhos, vida afora, ganhem a vida e sempre honestamente, e para saberem no que consiste honestidade, perguntem sempre a vocês mesmos, ao tomarem qualquer iniciativa, se gostariam que lhes fizessem aquilo que vocês estão fazendo para outrem. Da mãe, Natália Fernandes, lembra-se das críticas que fazia à bondade excessiva do marido, em função da honestidade, que tocava as ráias da generosidade e que o levava a confiar por demais nos outros, a ponto de prejudicar-se fazendo valer, nos compromissos, "o fio do bigode". Criticava-o, também, reclamando contra a obstinada dedicação ao trabalho, esquecendo-se dos problemas domésticos, dos filhos, inclusive dela mesma, postergando férias, estações de águas para repouso. Vejam, prezados acadêmicos, que a história se repete. Convenhamos, entretanto, cá entre nós, não é fácil ser mãe e muito menos esposa de Acadêmicos da ANM. Tenho dito à minha esposa, com certa freqüência, que se eu fosse ela, daria o fora de mim. Assim sendo, magníficos e excelsos companheiros acadêmicos, e outras ilustres personalidades masculinas aqui presentes, poder-se-ia modificar o rifão: "Diga-me com quem andas e dir-te-ei quem és", para "Diga-me a mãe e a esposa que tens e dir-te-ei quem és". Creio que interpreto os sentimentos de todos os varões aqui presentes ao agradecer às nossas mães e às nossas esposas tudo o que por nós fizeram, porque a elas somos eternos devedores por muito do que conseguimos na vida.

Consideremos, agora, o passado próximo. Como nasceu a idéia de candidatar-me à Academia Nacional de Medicina e como se concretizou? Há 3 ou 4 anos, em conversa com meu fraterno amigo de muitos anos, Thomaz de Figueiredo Mendes, de refregas idealísticas para alevantar e democratizar a Federação Brasileira de Gastroenterologia, externei-lhe o devaneio de um dia pertencer à vislumbrada Academia Nacional de Medicina, para prestar-lhe alguma colaboração, nesta fase da vida. Não se surpreendeu, antes aprovou a idéia e, mineiro e, pleonasticamente maneiroso, pediu-me que esperasse uma vaga, ou melhor uma oportu-

nidade e disse-me, na intimidade da confidência do companheiro amigo: estou entrando para lá, após ter esperado a minha vez! Algo semelhante foi conversado com os queridos Eudorico Rocha e Paulo de Goes. O tempo passou e eu esquecera a petulância de querer alçar-me a estas alturas e passei a imaginar: como eles são bons amigos mesmo, não tocaram mais em assunto por demais constrangedor, pois é difícil dizer ao amigo que está desejando algo utópico!

Eis quando, em janeiro do ano passado, estremei da cabeça aos pés, quando avisaram-me a vacância da cadeira n.º 7, com o falecimento do notável companheiro Couto e Silva e que me achava em condições de disputá-la. Eis-me aqui, cerca de vocês todos, sorridentes, encorajando-me a não temer assumir esta responsabilidade a mais na minha já longa vida, fora de São Paulo, nesta multifária cidade maravilhosa, que conserva cumeiras da cultura brasileira, máxime, neste venerando sodalício. Estejam certos meus amigos acadêmicos, que estou a par dos preceitos inscritos nas primeiras páginas da "História da Academia" pelo bi-presidente desta Casa, do admirável Alvaro Cumplido de Sant'Anna, em sua "Oração aos nossos Pares" e especialmente aos quatro itens seguintes: 1) A Academia por ser eterna estará sempre em crescimento; 2) O pugilo dos sonhadores que a fundaram deu-lhe a vida. Aos sucessores cabe juntar forças para desenvolvê-la e ainda mais engrandecerem-na; 3) Quem não trabalha pela Academia quando nela ingressa é como se deixado houvesse no vestibulo a própria honra. Quem não se esforça pela Academia quando nela recebe — juntando-lhe um tijolo — trai a sua esperança. Será um judas que iludiu a sua confiança; Atraiçoa aos que fraternalmente o acolheram. Roubou a vez a um possível justo, a todos enganando e, 4) o peristilo é grandioso. É da natureza humana tentar alcançar o que pode parecer inatingível.

Senhores Acadêmicos e sr. Presidente, emérito Professor José Leme Lopes: Entro para a Academia Nacional de Medicina com o propósito de ajudá-los a trabalhar. Trabalhar para ajudar a corrigir alguns desajustamentos básicos que por aí existem. Desajustamento traz desconforto, isto é, mal-estar e, como sabemos — e já o foi proclamado pelos peritos da OMS — mal-estar é a essência da enfermidade enquanto bem-estar é Saúde, é algo semelhante a felicidade. É também essencial que nós, médicos — e quando digo médico refiro-me a toda a equipe de saúde — que nos temos avocado a qualidade de cientistas da saúde, lembrem-nos de que se pode ficar doente em qualquer uma das três áreas em que se desenvolve a vida humana: a do corpo, a da mente e a do mundo social. Esta verdade é comezinha. Estranhamente, não tem sido considerada entretanto, pela ciência "oficial". Como diria Bion (Rev. Brasileira de Psicanálise, 13: 467-478, 1979): O que estou dizendo pode parecer o óbvio ululante. A minha justificação para dizer estas coisas é que o óbvio, às vezes, não é observado e esta é a diferença. (pg. 471).

Efetivamente a medicina tem evoluído muitos nos últimos 80 anos, mais nestes 80 anos do que nas três ou mais dezenas de séculos anteriores. Contudo, tristemente, e eu diria, preocupantemente, o progresso tem sido realizado com superconcentração tremenda da atenção na área do corpo. A medicina embeveceu-se e continua embevecida, em excesso, com as maravilhas trazidas pela descoberta do microscópio, do micróbio, da anestesia, da química, da física. Extasiou-se com os meandros dos espaços intercelulares, com os caminhos da micro-estrutura celular, tudo isto proporcionado por equipamento de complexidade tal, que — confesso aos senhores — não chego a compreendê-los como funciona. Mas é equipamento cheio de poder, domina-nos a mente, porque é sofisticado, é acionado por

VIII

forças e é regido por princípios que permitiram, não só visualizar as organelas de que se forma a célula — algo como as partículas de que se forma o suposto indivisível átomo — de dosar hormônios e outras substâncias em quantidades infinitesimais no soro sanguíneo, mas também permitiram a construção de aviões supersônicos e de cápsulas interesaciais que chegaram a lua e investigaram planetas que se acham nas profundezas da periferia do sistema solar. Tudo isto, parece-me, senhores acadêmicos, senhoras e senhores desta seleta audiência, representa uma ansiedade incomensurável em busca da natureza humana. É que o homem tem-se firmado por demais na compreensão apenas do concreto, daquilo que vê, que mede, que pesa, que palpa. Esquece-se de que, na natureza humana, há algo mais que não obedece prioritariamente a esses princípios físicos e químicos. É algo mais que está na própria natureza da ansiedade que o faz buscar tanto, encontrar tanto, inventar tanto, e quanto mais encontra, menos satisfazer-se. O homem, neste limiar do século 21, está particularmente insatisfeito! não pensamos assim todos os que aqui estamos reunidos? — E porquê? — Não sei bem, talvez vocês também não saibam, pelo menos com certeza, porque se soubermos, não seríamos tão masoquistas, para sofrermos, escondendo o que sabemos. Tenho, porém, uma idéia, se quiserem uma hipótese, que me veio à mente, sabem onde? no recesso do consultório, ali mesmo, na intimidade da relação médico-paciente, contexto que permite ao ser humano entrar mais em contato consigo mesmo, com os seus sentimentos mais íntimos, com o que fez, com o que deveria ter feito, sobretudo com as suas frustrações, com o seu sofrimento, com a sua vida, enfim, até então não contada, pelo menos em certos aspectos. Naquele colóquio confidencial em que o médico se transfigura em depositário dos representantes de todas as forças da educação e da cultura e que poderosamente influenciam na modelagem da personalidade de cada um de nós. Passa, desta forma, a ter funções mais importantes do que simplisticamente receitar remédios ou prescrever dietas. Ele passa a ser algo mais, assume, inconscientemente, o papel de companheiro do cliente, ajuda-o a corrigir distorções, e a adaptar-se mais adequadamente às exigências da realidade da vida. Ajuda-o a quebrar o ciclo da doença e a restabelecer o ciclo do conforto e do bem-estar. E neste relacionamento espontâneo — que comparamos à microscopia eletrônica da história clínica convencional — temos percebido, ao longo destes 39 anos de experiência, escutado cerca de 80.000 seres humanos, alguns fatos interessantes, fundamentais para a melhor compreensão do ser humano, vale dizer, para melhor compreendermos mecanismos de doença e, correlatamente mecanismos de saúde. Entre eles, consideraremos dois, neste momento, para não nos alongarmos muito. Primeiro: que os aspectos materiais da vida, embora muito importantes, não constituem os de primacial magnitude. Quantas vezes temos ouvido de pacientes angustiados, com úlcera péptica, com enterocolopatia crônica recidivante, com hipertensão arterial, cuja potencialidade evolutiva para infarto do miocárdio e para acidente vascular cerebral é conhecida, com obesidade e hérnia do estômago pelo hiato, com hiperlipidemia, hiperglicemia e hiperuricemia, e que estão fartos de poder econômico! Dizem que têm tudo que desejam possuir e que, ainda, que interferem nas decisões do poder político! Mas, pobres seres humanos! não conseguem usufruir do poder cultural e, mais ainda, não conseguem manter a união afetiva da família! Na sua ânsia de poder, tornam-se possuídos do que possuem e não possuem o que deveriam possuir, para serem sadios. Muito tarde, na 5.ª, 6.ª ou 7.ª década da vida, ao peso de irremediáveis lesões anatômicas e bioquímico-fisiológicas, quando não pagam com a morte, percebem, se conseguem conversar com um médico, que conversa — vale dizer com o médico de família — ser necessário uma reprogramação da

vida com base na recomendação de Mateus, Cap. 6: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam" e "Não vos inquieteis pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal". Creio, então, que o principal microorganismo gerador da proclamada desagregação da família, da toxomania da juventude, da delinqüência juvenil, dos "trombadinhas", de toda essa miséria social, resulta do desajustamento dos aspectos culturais, econômicos e políticos do homem. Esta situação se aplica a todas as latitudes e longitudes do nosso minúsculo globo terrestre e os piores exemplos nos vêm no sentido norte-sul, mostrando-nos que progresso não é desenvolvimento e riqueza não é sinônimo de sucesso. Segundo: as histórias clínicas de meus pacientes, baseadas em amplo relato espontâneo, revelaram-me que todos os pacientes, sem exceção, voltam ao passado, aos primórdios da vida, aos arquétipos de cada um de nós e afirmaram-me que cenas, fatos, acontecimentos variados da mais tenra infância, a começar da micro-sociedade da família, tiveram importância, relacionam-se estreitamente com a "história da moléstia atual". Daí a noção que nos parece básica, introduzida e sistematizada pela psicanálise, que o adulto será o que foi a criança moldada nas fases críticas do desenvolvimento de cada indivíduo. Esta noção faz-nos concluir que sociológica, antropológica, histórica e moralmente, o homem não é meramente o produto passivo do ambiente em que foi criado e educado. Ele tem uma história que emana não só do potencial genético, mas também da maneira pela qual esse potencial se atualiza em intensa e permanente interação com o ambiente. Sabe-se que a criança, realmente, introjeta e elabora dentro de si, da unidade psicossomática que é, as informações que recebe do meio externo em que nasceu e cresceu. No meio externo considerem-se dois aspectos: as forças do meio físico e as do meio social subdividido em duas vertentes: as forças sócio-econômicas e as sócio-culturais, ambas interagindo com as da política. Insistimos em que não se pode pensar, ao se procurar estudar o homem adulto, apenas pela ótica sociológica, antropológica e moral, mas também pela da sua história. E o homem histórico, na sua filogênese e na sua ontogênese, como médicos e neste momento, pensemos apenas na ontogênese. Pelo que foi dito, se o adulto deriva da criança, os que cuidam da saúde humana, em qualquer idade, precisam concentrar a atenção, em termos de Medicina, sobretudo de Medicina Preventiva, máxime na criança.

Se fôssemos desdobrar nosso raciocínio na linha que estamos, caminhando até agora, iríamos longe e seríamos inoportunos.

Desejamos fazer apenas três perguntas, baseadas no que foi dito:

a) Está-se cuidando hoje adequadamente da criança para que amanhã seja adulto sadio sócio-psicossomaticamente? As estatísticas dizem que não.

b) O ensino médico, no seu modelo biomédico, colocando a medicina dentro das ciências biológicas ou naturais, governadas pela química e pela física e por uma fisiologia sem alma, está satisfazendo? Os fatos dizem que não.

c) Que falta para tornarem-se afirmativas as duas respostas anteriores? A resposta é longa e envolve complexas considerações que deixaremos para outra oportunidade. Diríamos apenas que o homem, inclusive o médico, precisa de menos cientificismo e de mais humanismo. A ciência faz o homem aparentemente forte e somente o humanismo faz o homem realmente forte, quando é bom e sobretudo justo.

IX

Nesta altura, para terminar, escutemos o que afirma Krisnamurte:

“O homem ignorante não é o homem sem instrução, mas é o homem que não se conhece a si mesmo. Insensato é o homem, intelectualmente culto, ao crer que os livros, o saber e a autoridade lhe dão a compreensão que só pode vir com o auto-conhecimento que é o conhecimento da totalidade do nosso processo psicológico. Assim, a educação no sentido genuíno é a compreensão de si mesmo pelo indivíduo, porque é dentro de cada um de nós que se concentra a totalidade da existência. O homem que divide o átomo, mas não tem amor, pode se transformar em um monstro.”

Senhores acadêmicos, meus valorosos companheiros, tenhamos fé no futuro, lutando no presente para que o modelo atual, estreitamente biomédico, absorva cada vez mais as ciências do homem ou sejam: a psicologia, a sociologia, a antropologia, a educação, a geografia e a história. O nascente modelo médico sócio-psicossomático humanizará o homem e, nele, o médico. Eis uma tarefa que lhes submeto à doura apreciação.

Ao fazer-lhes esta proposta estou seguindo tradições da nossa pujante ANM, ora consubstanciadas nas personalidades imponentes de Paulo de Góes que me saudou generosamente em nome da plêiade seleta dos atuais membros desta Veneranda Casa e das personalidades respeitáveis que me precederam na cadeira 7, a começar pelo seu patrono, o Barão de Lavradio.

Acredito que para a humanização da humanidade, o médico tem papel importante. Mais importante do que o próprio médico supõe ainda hoje. A tarefa é árdua, e de realização utópica, mas apenas aparentemente utópica. Tudo está em evolução e é da essência da própria vida a instabilidade sem a qual se estanca a capacidade criadora.

Acredito que se dinamizará a reversão do desajustamento atual mediante ações combinadas e adequadas nos três elos que compõem o permanente ciclo, ao longo da história nas diversas civilizações, de interação dos poderes cultural, político e econômico, face à inexorável demanda social. Formulamos dois pedidos. Pedimos ao poder cultural que não desista, sob o aspecto médico, de retornar à formação do médico de família nas Escolas Médicas, à semelhança de Zequinha Fernandes e dos médicos de Cós. É o profissional de sólidos conhecimentos técnicos e que, antes de tudo, examina com esmero o ser humano; a) semiotecnicamente, colhendo sintomas e sinais, b) semiogênicamente, interrelacionando sintomas e sinais e, c) que não se deixa envolver e muito menos dominar-se pela bárbara parafernália tecnológica, sagazmente lançada pelo poder econômico, e que, com este proceder, amortece a capacidade de observar, sentir, raciocinar, estádios necessários para a elaboração do conhecimento, como estabeleceu, há cerca de um e meio século, Claude Bernard. O segundo pedido dirigimos ao poder político, para que seja mais responsável, que atenda, menos aos impulsos pantagruéli-

cos do poder econômico e mais aos reclamos da educação e da saúde, consubstanciados na carta dos direitos humanos. Ah! carta dos direitos humanos, tanto mais conclamada, quanto menos cumprida e respeitada! Na saúde, como se acabou de ver, pelas conclusões da 7.ª Semana Nacional de Saúde, recentemente reunida em Brasília, a ênfase dos esforços dos Ministérios da Saúde e da Previdência Social, até agora, tem sido no combate ao ciclo negativo e superoneroso da doença. Como ainda estamos distantes de cuidar do ciclo positivo e mais barato da verdadeira previdência, de se fazer a epidemiologia da saúde! Afirma-se que, para a ruptura desta calamitosa situação, são necessários recursos monetários astronômicos, fora da realidade. Acredito que sim, mas também acredito que, se a realidade atual for mais alicerçada em princípios de responsabilidade e de moral, haverá maior senso de poupança e maior escrupulo com o dinheiro público, que é dinheiro do povo, dinheiro nosso e, então, não faltarão recursos para estabelecer-se um equilíbrio socialmente mais adequado às necessidades básicas do ser humano, tão claramente consubstanciadas na bendita carta dos direitos humanos, equilíbrio derivado da interação dos poderes cultural, político e econômico, com evidente benefício para todos. Só então o homem será realmente forte e justo, inclusive o sertanejo de Euclides da Cunha e a demanda social terá o médico que deseja, o médica de família. Tenhamos esperança, tenho confiança e a ANM tem paciência e tradição de empreendimentos para esperar vigilante. Exatamente há uma semana, o ardoso e vitorioso batalhador José Hilário de Oliveira e Silva manifestava os mesmos sentimentos e idéias semelhantes, ao empossar-se professor titular na Faculdade de Medicina da UFRJ. Foi apoiado por diversos Professores de Medicina que lá estavam e por igual número de membros desta Academia. Caminhemos e somemos esforços, com amor e responsabilidade. A vida não termina e, como afirmou Lavoisier — embora guilhotinado pela Revolução Francesa — “na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma”. Pelo menos dez milhões de anos precedem o dia de hoje na evolução do homem na superfície da Terra. Há tempo para evoluir, portanto. Caminhemos com paciência, persistência, ciência e humanismo.

Senhoras e senhores e caros colegas deste Silogeu, ao terminar, as últimas palavras, mas não menos importantes, dirigidas às nossas famílias. Aos nossos pais e irmãos, mortos ou vivos da vida corpórea, mas todos vivos em nossa memória, naquilo que puderam cooperar na formação de nossa personalidade; às nossas esposas com as quais tivemos os nossos filhos. Tenhamos coragem animada pela fé derivada da religião no sentido primitivo de “religere”, isto é, religar o poder econômico às necessidades intrínsecas do ser humano que, adequadamente educado, saiba escolher, no sentido de Platão, os seus autênticos representantes do poder político com P maiúsculo. Para caminhar dez mil léguas é necessário caminhar a primeira légua. Já palmilhemos algo. “Vita brevis, ars longa”, a Academia é eterna. Trabalhem com amor! Muito obrigado, tenho dito.

X

Paulo de Góes saúda o novo acadêmico

Considero um privilégio e uma elevada honra ocupar esta tribuna para saudar o novo acadêmico José Fernandes Pontes.

É o nável companheiro eminente figura dos quadros médicos nacionais, verdadeiro líder em sua especialidade, podendo-se afirmar que a sua entrada para esta agremiação, irá de muito enriquecê-la.

Marcante é o fato de Pontes vir de São Paulo. Tal circunstância bem identifica o caráter nacional da nossa instituição que, nestes últimos tempos, vem acolhendo figuras distinguidas de outros Estados.

São poucos, é verdade, mas é notório que todos os membros originários de outras unidades da Federação são figuras das mais proeminentes da medicina nacional.

José Fernandes Pontes é antes de tudo um legítimo representante da escola paulista de medicina experimental.

Essa escola teve início no fim do século passado e dentre as descobertas pioneiras que merecem destaque há a referir as verificações do Dr. Filogênio Lopes Utinguassú em 1885, comprobatórias da transmissão da febre amarela por mosquitos, verificações essas, confirmadas depois pelos trabalhos de Carlos Finlay em Havana.

É, ao terminar o século que se instala, o primeiro Instituto Científico do Brasil — o Instituto Bacteriológico de São Paulo, hoje denominado Adolpho Lutz.

A criação desse instituto foi motivada pela epidemia da peste bubônica que irromperia em Santos. Foi dirigido por curto prazo por Felix Le Dantec, discípulo de Pasteur, mas com o retorno desse cientista à França, a direção do Instituto passou a ser ocupada por Adolpho Lutz.

Seria exaustivo relatar em pormenor todas as realizações de Lutz por essa época. Ele não só estabeleceu o diagnóstico etiológico da peste, como também realizou estudos, esclarecendo a natureza das várias doenças transmissíveis que grassavam em São Paulo. Particularmente importante foi a identificação que fez da febre amarela silvestre, achando esse que, à época, não teve grande repercussão, mas que viria a ser confirmada por Soper em 1932, no Vale do Chanaan, no Espírito Santo.

Mas não se limitou a criação do Instituto Bacteriológico ao desafio que a peste oferecia.

Logo surge, também no fim do século, um outro instituto, o Butantã, sob a direção e liderança de Vital Brasil, cujo principal objetivo era o preparo do soro anti-pestoso.

Vital Brasil, no entanto, não se confina nesse objetivo. Lança-se nos famosos estudos sobre ofidismo, e o preparo de soro anti-ofídico, conquistando reputação internacional.

Acrescente-se a esses dois citados institutos, o Biológico de São Paulo, criado muitos anos depois, em 1927, por Artur Neiva, com a finalidade de desenvolver pesquisas agropecuárias mas que concorreu também para o esclarecimento de muitas questões de biomedicina humana.

Vale notar que, à época, a pesquisa se desenvolvia em institutos científicos isolados — obedecendo ao velho estilo europeu — completamente apartada dos órgãos de ensino.

Fato importante para o desenvolvimento da biomedicina em São Paulo foi a criação de sua Faculdade de Medicina, por Arnaldo Vieira de Carvalho, em 1913.

Essa Faculdade, originalmente, por alguns anos, constituiu um órgão essencialmente de ensino profissional até que, graças a um auxílio da Fundação Rockefeller pode tomar novos rumos.

A atuação da Fundação Rockefeller no Brasil começou em 1916, quando foram enviados dois representantes para aqui, os Drs. Richard Pearce e John Ferrel. Pretendia a Fundação apoiar uma faculdade médica de modo a torná-la padrão.

No Rio de Janeiro as negociações não chegaram a bom êxito, dirigindo-se então, aqueles representantes da Fundação, a São Paulo onde encontraram uma escola recém-criada que lhes pareceu mais propícia ao seu intento.

Em São Paulo houve também, resistências, porém, a interferência de Benedito Montenegro e Alexandrino Pedroso, ambos formados na Universidade da Pensilvânia, vão sendo removidas. Ainda que as dificuldades tenham sido superadas, as negociações só tiveram desfecho em 1924 quando foi assinado um convênio da Fundação Rockefeller com o governo de São Paulo.

O contrato com a Fundação estipulava dentre outros requisitos, a exigência de tempo integral por parte dos docentes; o desenvolvimento da pesquisa em paralelo às atividades de ensino, bem como, a construção do Hospital de Clínicas contíguo à Faculdade de Medicina.

Além disso são contratados vários professores estrangeiros para as áreas carentes de especialistas o que contribuiu para o alto padrão da Escola, quer no ensino, quer na pesquisa.

É também adotada a limitação de matrículas, o que favorece as atividades docentes e a qualidade do ensino.

Finalmente, em 15 de janeiro de 1931, é inaugurado o novo prédio da Faculdade.

Em seqüência ao referido e implementando os compromissos assumidos com a Fundação Rockefeller, em 1938, sendo Interventor Adhemar de Barros e Reitor Rubião Meira, é autorizado o início da construção do Hospital de Clínicas, construção essa concluída em abril de 1944. É de notar-se que ao lado do hospital foram também construídos os prédios das disciplinas de Psiquiatria e de Clínica Ortopédica. Acrescente-se ainda que no ano de 1931 foi construída a Faculdade de Higiene e Saúde Pública ao lado da Faculdade de Medicina graças à iniciativa de Geraldo Paula Souza. A esse fabuloso complexo biomédico junta-se depois a Escola de Enfermagem, criada em 1941, durante a administração de Montenegro; o Instituto Oscar Freire, de Medicina Legal, da década dos trinta e mais recentemente, em 1959, o Instituto de Medicina Tropical, fruto da iniciativa de Carlos da Silva Lacaz.

Além dos Institutos de Pesquisas atrás mencionados, Adolpho Lutz, Butantã e Biológico a pujança da medicina paulista repousa no conjunto de Escolas Médicas que progressivamente se foram formando; primeiro a Escola Paulista de Medicina em 1933, depois a Escola Médica de Sorocoba, a que se seguiu a de Ribeirão Preto, modelo institucional, fruto do espírito criador de Zeferino Vaz.

A verdade é que São Paulo hoje conta com 18 Escolas Médicas, algumas no Interior, porém, dotadas de um modo geral, de nível adequado de ensino e pesquisa.

Não há dúvida que São Paulo é o Estado líder em produção em pesquisa científica no país que atinge, em termos de percentuais de trabalhos publicados a 24,1%, só para a USP, seguindo-se a UFRJ com 8,7% e vindo após as demais universidades brasileiras, cada uma delas com valores em torno ou abaixo de 5%, segundo os dados de Morel & Morel, 1977.

XI

Esses são marcos fundamentais não só em relação a São Paulo, mas também, de todo País no que se refere à nossa educação e pesquisa médicas.

Devo considerar agora a figura do patrono da cadeira 7, preenchida nesta oportunidade por J. F. Pontes.

Refiro-me a José Pereira Rego — Barão de Lavradio — e que foi uma das personalidades médicas mais distinguidas em nosso meio na metade do século passado.

Destacou-se de tal modo, ao seu tempo, esse grande médico que, segundo informa Lourival Ribeiro, foi proposto pelo historiador Escragnole Doria, a construção de um monumento em praça pública, preito de gratidão aos sanitistas brasileiros, figurando em destaque, nessa homenagem, o Barão de Lavradio.

Pereira Rego formou-se pela nossa Faculdade de Medicina em 1838 apresentando tese sobre semiologia cardíaca.

Dois anos depois de formado ingressou na Academia Imperial de Medicina, que foi palco de suas assíduas comunicações.

Muito jovem passou a integrar a Comissão Central da Saúde Pública, constituída para combater a epidemia de Febre Amarela que irrompera nos últimos dias de dezembro de 1849, originária da Bahia.

Essa comissão que era integrada pelas figuras mais proeminentes de nossos quadros médicos sofreu seguidamente transformações, passando a denominar-se junta da Higiene Pública e Junta Central de Higiene.

Deste último órgão Pereira Rego chegou a presidente, sucedendo o Conselheiro Francisco de Paula Candido.

No desempenho dessa função Pereira Rego teve uma atuação tão eficiente e destacada que o Imperador Pedro II o distinguiu em 1874 com o título de Barão de Lavradio.

É interessante referir que o Barão de Lavradio foi duas vezes presidente desta Academia, de 1855 a 1857 e de 1864 a 1885, elevado depois a presidente perpétuo.

Embora eleito três vezes vereador da Câmara Municipal, Pereira Rego nunca se deixou tentar pela política e tanto é assim que se negou a aceitar convites para presidir as províncias de São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Foi um grande médico, sempre médico, e quando se retirou de outras atividades passou a exercer a clínica infantil na Santa Casa de Misericórdia.

Nada tão merecido quanto a distinção do Barão de Lavradio ser o patrono da Cadeira n.º 7. Figura das maiores que já possuímos na profissão médica é uma honra para J. F. Pontes ocupar uma cadeira que tem tão grande figura como patrono.

Não posso deixar também de referir-me à personalidade de Otávio Barbosa de Couto e Silva que é sucedido nesta Casa por J. F. Pontes.

Couto e Silva possuía uma cultura, sólida e variada. Um amplo espectro de conhecimentos que ia desde as ciências básicas de medicina no campo da fisiologia à medicina preventiva, sendo também um grande internista.

Estagiário do Laboratório dos Irmãos Osório de Almeida produziu trabalhos em fisiologia publicados no país e no exterior.

Foi aluno de Couto e Silva ao tempo em que ele era assistente de Alvaro Osório de Almeida.

Mais tarde, quando exerceu por diversas vezes a interinidade da Cadeira de Higiene, mantivemos certa convivência pois o meu laboratório, de Microbiologia, era contíguo ao de Higiene.

Couto e Silva na sua época foi um bom exemplo da possibilidade de associação entre a pesquisa básica e a prática médica.

Nos dias que correm, é muito difícil uma duplicidade de ações tão diferentes.

A pesquisa fundamental exige o exercício de atividades em tempo integral e dedicação exclusiva porque o acervo de novas descobertas que surge a cada momento, requer uma especialização estrita, não sendo possível atuar em tão distantes campos de conhecimento.

Couto e Silva honrou a cadeira que ocupou nesta Academia e é por isso que faço esse sumário registro para assinalar a sua brilhante passagem por esta casa.

Cabe agora retratar o novo acadêmico, José Fernandes Pontes. Ele é natural de Pinhal, Estado de São Paulo, onde fez o seu curso primário. Em seguida foi para São Paulo onde completou o curso secundário no Liceu Rio Branco. Seu desempenho nesse estabelecimento de ensino foi tão destacado que mereceu o Prêmio Rio Branco, concedido pelo Liceu à vista das qualidades morais e intelectuais, reveladas pelos graduandos em todo o curso ginasial.

Os estudos necessários ao ingresso na Faculdade de Medicina foram completados no Curso Complementar do Colégio Universitário anexo à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Ingressando nessa Faculdade em 1935 faz o respectivo curso de 1935 a 1940. É ainda nessa mesma Faculdade que conquista o doutorado em Medicina em 1947 em razão da docência livre em que à época fôra habilitado.

Deve-se mencionar que como estudante, Pontes foi auxiliar de vários serviços da Faculdade de Medicina tais sejam, as Clínicas dos Professores Rubião Meira, Jairo Ramos e José Ramos Jr., no período de 1936 a 1939 e de 1939 a 1940 no Serviço do Professor Cantídio Moura Campos.

Ocupa depois uma série de posições no magistério e Institutos Científicos, a saber, a de assistente extranumerário da 21.ª Cadeira de Terapêutica Clínica da FMUSP; chefe e organizador da seção de provas funcionais do aparelho digestivo do Laboratório Central do Hospital de Clínicas e, ainda, consultor e colaborador em estudos gastroenterológicos das Clínicas dos Professores Benedito Montenegro e Raul Briquet. Atua também como colaborador em pesquisa sobre flora intestinal na Cadeira de Microbiologia da FMUSP com os professores Floriano de Almeida e Carlos da Silva Lacaz.

A carreira do magistério de Pontes continua depois no Centro de Ciências Médicas e Biológicas da PUC de Sorocaba, onde começa como Professor Adjunto em 1963 e passa a Titular desse estabelecimento em 1967.

Pontes realizou várias viagens ao estrangeiro para aperfeiçoar-se em sua especialidade, incluindo-se entre os países visitados, por mais de uma vez, os Estados Unidos da América, Suíça, Alemanha, Inglaterra e Japão.

Um dos atributos mais peculiares de Pontes é o seu espírito empreendedor, a capacidade realizadora, em função do que criou o Centro Médico e Cirúrgico de São Paulo, o Instituto de Gastroenterologia de São Paulo (IGESP) e o Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas de Gastroenterologia (IBEPEG).

Essas organizações são verdadeiramente modelares. Basta dizer que o curso de pós-graduação ao nível de mestrado do IBEPEG é credenciado pelo Conselho Federal de Educação.

Pontes é detentor de vários prêmios científicos, destacando-se entre outros o Prêmio da Clínica Médica Francisco Nicolau Baruel (FMUPS 1940), Prêmio Arnaldo Vieira de Carvalho, da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de São Paulo (1947), o Prêmio Richard Pearce da Associação

ção dos antigos alunos da FMUPS (1956), e o Prêmio Mário Pereira, da Associação Paulista de Medicina (1956).

Nesta Academia foi laureado com os Prêmios Azevedo Sodré (1942), Academia (1943) e Domingos Niobey (1953).

O que mais impressiona no curriculum de Pontes é o número de trabalhos publicados. Relativamente a pesquisas originais é autor de 104 trabalhos; 17 publicações sob forma de monografias, livros e artigos escritos em livros e 74 sínteses e divulgações ou exposições de questões científicas. Em conexão com os trabalhos que vem de ser mencionados cumpre referir que Pontes lançou a revista Arquivos de Gastroenterologia que desde 1964 vem sendo editada regularmente, já tendo divulgado cerca de 60 trabalhos.

Pontes é um ativo expositor, registrando o seu curriculum 136 conferências, comunicações, palestras, participações em simpósios, coordenação de mesas redondas ou painéis ou outras atuações em sociedades e organizações médicas.

O curriculum de Pontes insere também, diversas participações em congressos nacionais e internacionais como conferencista, coordenador ou membro de mesas redondas, simpósios ou painéis e comunicações livres. Essas atividades abrangem nada menos que 138 tópicos.

No referente a sociedades científicas pertence a 29 entidades nacionais e estrangeiras.

Já aludimos precedentemente à carreira docente e às atividades nesse campo que vêm sendo realizados por Pontes. Tais atividades começaram quando ele era ainda estudante desenvolvendo cursos preparatórios para vestibulandos. Mais tarde, ainda estudando como doutorando, dá um curso para os alunos dos 4.º e 5.º anos médicos.

Uma vez formado integra-se na Cadeira de Terapêutica Clínica, ao Laboratório Central do HC, ao Departamento de Medicina Interna e à Cadeira de Fisiologia.

É extensa a lista dos cursos que ministrou em São Paulo e outras Universidades, Sociedades Médicas do Brasil e do estrangeiro.

Mário Graciotti e a Magia e a Ciência de Paracelso

Duílio C. Farina

O doutor Egas Carlos Muniz Sodré de Aragão (1842-1893), natural da Bahia, vindo a formar-se em Medicina pela escola da terra de Rui Barbosa em 1865 foi provavelmente o primeiro estudioso, em nosso meio, a apontar as dimensões da figura e da obra de Paracelso.

Em livro, hoje raridade bibliográfica, com o título de "A Vida e os Phenomenos Vitais", estudou o famoso médico que também foi alquimista, iatroquímico, astrólogo e charlatão. O primeiro volume, impresso em 1892 na Tipografia e Encadernação do "Diário da Bahia" (sita à Praça Castro Alves, 101) apresentava Sodré de Aragão como lente de Patologia Geral e História da Medicina na Faculdade de Medicina de Salvador, a primaz do Brasil.

Paracelso, ou Aureolus Filippus Teofrastus Bombast von Hohenheim, nasceu em Einsiedeln, Suíça, em 1493 e morreu, dementado, no hospital-convento de Saint-Etienne, Salzburgo, em 1541. Lycurgo de Castro Santos Filho lembrou com oportunidade que "proclamou, quando professor e médico oficial de Basiléia, a extinção por obsoletos, dos princípios e das teorias de Hipócrates, de Galeno e dos doutores árabes, queimando os seus trabalhos em praça pública". Os novos dias da ciência acabam por derrubar o império absoluto do galenismo. Os primeiros golpes desfechados contra o médico de Pergamo partiriam de Fernel, logo continuados por Argentier, Joubert, Rondelet e ou-

Ultimamente as atividades de Pontes têm se concentrado na PUC de Sorocaba e no Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas de Gastroenterologia onde mantém cursos de pós-graduação.

Procuramos o quanto possível resumir a vida e a obra de José Fernandes Pontes e certamente escaparam muitos pormenores que mereciam alusão.

É importante, porém, realçar que Pontes tendo iniciado a sua prática médico-científica no campo da medicina interna passou à gastroenterologia em que evoluiu com diferentes enfoques. Durante certo tempo preocupou-se com a etiologia microbiana dos distúrbios gastroentéricos. Sucessivamente passou a considerar, também, os aspectos fisiopatológicos e, em seguida a essa fase, teve despertado o seu interesse pelos aspectos psicossomáticos nesse setor orgânico. É quando se submete à psicanálise para globalizar a interpretação dos distúrbios gastroentéricos, abrangendo o atinente à agressão externa — os agentes microbianos —, os aspectos fisiopatológicos e as determinantes psíquicas dos distúrbios em questão.

Essa evolução caracteriza a tônica do pensamento científico de José Fernandes Pontes em que o doente é abordado numa perspectiva universal em que todas as variáveis morbigenas são tomadas em consideração. Esse pensamento que está expresso em sua brilhante memória a esta Academia constitui uma atitude pioneira, entre nós, no campo da medicina integral sócio-psíquico somática.

Tal como mencionei de início, José Fernandes Pontes é uma figura que honra a medicina brasileira e que vem contribuindo para o seu engrandecimento.

O seu ingresso nesta Academia concorrerá positivamente para o enriquecimento dos seus quadros.

Meu caro Pontes, sinto-me profundamente feliz por me ter cabido aqui recebê-lo.

Seja benvindo a esta Casa.

XII

XIII

Wyer, Zacchias e Porta, essa opinião achou ecos até em médicos de provada reputação: Ambroise Paré, Lange, Felix Plater, Bodin e outros que não puderam esquivar-se à influência maléfica das idéias dominantes. Acreditaram-se em curas operadas por amuletos, relíquias e Paré afirmava: Je le pansay, Dieu le guarit. A essas idéias extravagantes associou-se a astrologia e o organismo humano foi submetido à influência dos corpos siderais: Nostradamus, por suas predições, mereceu as honras de um profeta e Jeronimo Cardan chegou a defender doutrina médica com essência na simpatia suposta existente entre os astros e as partes componentes do organismo. Uma das preocupações mais vivas, no século XVI era a fabricação do ouro. A transmutação dos metais prendia todos os ânimos e por todas as partes faziam-se experiências para realizá-la. A filosofia hermética tinha pois chegado a um grande desenvolvimento. A aplicação da alquimia à medicina já tinha sido anteriormente tentada por Arnaud de Villeneuve, Raimundo Lulio, Basilio Valentin, este com o livro "Le char triomphal de l'Antimoine". Mas, em verdade, foi levada a efeito por Paracelso cujo sistema é um cadinho "onde se consorciavam a alquimia, a cabala e a astrologia" (Sodré Aragão).

Segundo Paracelso, Deus ou a luz primitiva é a causa imanente de todas as coisas. Do Adam Cadmon, seu filho primogênito emana a alma do universo, assim como a multidão de espíritos que povoam o mundo, os silvanos, as ninfas, os gnomos e as salamandras. O homem é uma cópia do universo: nada há no céu e na terra que não exista nele. Deus que está no céu, está também no homem. O homem é pois, um microcosmo completo no macrossomo. Cada órgão da economia é representante de um astro determinado, e o corpo humano acha-se numa relação harmoniosa com as inteligências astrais.

Paracelso rejeita os quatro elementos de Empedocles, substituídos por três, o sal, o enxofre e o mercúrio, mas estes elementos são imateriais e só podem ser percebidos pelos sentidos delicados do teósofo. Formam todos os corpos e constituem também o corpo humano. Assim organizado o homem possui um espírito de vida, que residiria no estômago, em comunicação perpétua com o sideral. Espécie de gênio, que apesar de sua imaterialidade possui cabeça e mãos, e, exercendo as funções de um alquimista, preside às operações químico-vitais da digestão. A imitação de Basílio Valentin, Paracelso confere a essa entidade o nome de Archeu, mas além dela admite a existência de uma "alma inteligente". O Archeu, envólucro sutil da alma, é o princípio vivificador do corpo, e oculto, invisível, impalpável tem sob a sua direção todos os fenômenos vitais.

Paracelso empregou o método experimental, introduziu o ópio, o mercúrio e o óxido de zinco na terapêutica. Viajou pela Europa e Oriente, com séquito de discípulos, curando e receitando, em vilas, cidades, em côrtes e em longínquos povoados: reis e plebeus, magistrados e sacerdotes ouviram-no e aceitaram suas drogas e mezinhas para cura e trato de múltiplas mazelas.

O enorme êxito obtido com o emprego do ópio, valeu-lhe a alcunha de "Satã". Soberbo e jactancioso, afirmou possuir a "panacéia universal". Deixou várias obras publicadas tais como Opus Chirurgicum, Paragranum e De Gradibus. Suas proposições onde boiavam algumas verdades num pego de disparates e absurdos, suas pretensões tautológicas lhe angariavam muitos adversários, mas contudo e apesar de tudo é o marco de novos tempos na ciência e mesmo o dealbar do que virá com o Renascimento, do qual o insigne Leonardo da Vinci é o simbolismo. Lycurgo de Castro Santos Filho expressa de forma exata o significado de Teofrastus Bombast von Hohenheim, o Paracelso, ao citar o seu deambular pela Europa como a transição viva entre a antiga Arte, de sentido alquímico, astrológico e cabalístico — obediente tão só aos princípios hipocráticos

e galênicos — e a Nova Medicina, a que assimila novos métodos e novos ensinamentos decorrentes de notáveis descobertas que se processam em todos os setores da patologia, da terapêutica, da cirurgia, da farmácia e das ciências físico-químicas.

Mário Graciotti, esplendente, envolto nas auras do sonho, leva-nos ao Mundo de Paracelso, em caminhos culturais variegados, cômico do significado quase mágico do pensar daquele que mudou rumos da ciência e fundamentou o pensamento científico que vai eclodir nas próximas centúrias. Desejou, como bem o manifestou, escrever uma mensagem ao homem dos dias que correm em páginas que intentam, entre as luzes do Real e as envolvências do Fantástico, dizer algo para este gélido século da numerologia, responsável pelo doloroso desentendimento do nosso pobre mundo.

Seu livro "Os Deuses governam o Mundo — A magia e a Ciência de Paracelso" é obra-mensagem para aqueles que acreditam nas forças do espírito e nas manifestações elevadas do pensamento. Mensagem de fé, repete Thales, de Mileto, filósofo grego do VII século antes de Cristo: "O Universo está cheio de deuses, que trabalham na terra, nas águas e no ar". Sim, deuses que expressam, afirmam e confirmam o Supremo Arquitecto, o Deus único de Abraão, o Deus cujo Filho Unigênito redimiu a Humanidade.

"O medo do ignoto, o medo da solidão, o medo da insegurança, o medo do abandono, o medo do sofrimento — eis os contínuos pesadelos, que gravam o destino dos homens deste ultrapoluído século XX, insone, violento, cheio de máquinas e de números, mas sem água, sem ar, sem fauna, sem flora, sem mitos, sem amor, sem paz".

Esse o grito-mensagem de Mário Graciotti aos contemporâneos, enfatizado na introdução, de sua obra exemplar.

Ao ser agraciado com a medalha de Honra ao Mérito, da Associação Paulista de Medicina, em 1979, no dia 18 de outubro, dia de Lucas, médico e santo, e patrono de nossa corporação, Graciotti, médico ilustre ouviu a palavra oficial de nossa entidade: "Mário Graciotti, Sonhador e Idealizador; criador da Assistência Social em nosso Estado; Contista. Tradutor de Leopardi. Cronista emérito, vossas crônicas de viagem ultrapassarão os tempos que hão de vir. "Europa tranqüila", "Portugal", "O mundo antes do Dilúvio", "Viagem ao Redor das origens", marcam uma dimensão nova de sentir e pensar, no relato de andanças realizadas com a bússola do sentimento e o norte do talento. Autor de "O Homem Plural", sois intelectual com plurifacetadas mostras de realizações e de um sonho sem limites. A repetir Castro Alves, prodigalizastes livros à mancheias e fizestes o povo pensar. Germe que faz a palma, florão da cultura de um momento, deixastes, no empós de marcas formidandas, milhões de exemplares, de tomos, em cultos do Bem e do Belo..."

E as sementeiras continuam...

